

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LÍNGUAS

MARIA LUIZA AZEVEDO DE OLIVEIRA

**UM ESTUDO SOBRE A GRAMÁTICA: DO LIVRO DIDÁTICO AO TEXTO DO
ALUNO**

PATU-RN
2018

MARIA LUIZA AZEVEDO DE OLIVEIRA

**UM ESTUDO SOBRE A GRAMÁTICA: DO LIVRO DIDÁTICO AO TEXTO DO
ALUNO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras,
da Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte – UERN, como requisito obrigatório
para obtenção do título de Licenciada em
Letras.

Orientador(a): Profa. Ma. Antônia Sueli da
Silva Gomes Temóteo.

PATU-RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A994e Azevedo de Oliveira, Maria Luiza
Um estudo da Gramática: Do livro Didático ao texto do
aluno. / Maria Luiza Azevedo de Oliveira. - Patu, 2018.
42p.

Orientador(a): Profa. M^a. Antônia Sueli da Silva Gomes
Temóteo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas
respectivas Literaturas). I. Silva Gomes Temóteo, Antônia
Sueli da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

MARIA LUIZA AZEVEDO DE OLIVEIRA

**UM ESTUDO SOBRE A GRAMÁTICA: DO LIVRO DIDÁTICO AO TEXTO DO
ALUNO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras,
da Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte – UERN, como requisito obrigatório
para obtenção do título de Licenciada em
Letras.

Aprovada em ___ / ___ / ____.

Banca Examinadora

Profa. Ma. Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo
ORIENTADORA – CAP/UERN

Profa. Ma. Luciana Fernandes Nery
EXAMINADORA – CAP/UERN

Prof. Ma. Maria Leidiana Alves
EXAMINADORA – CAP/UERN

AGRADECIMENTOS

A princípio agradecer a Deus, por me proporcionar momentos especiais e tão importantes como esse, pois é Graças a Ele que isso está acontecendo. Toda honra e glória a Ti.

Agradecer em especial a minha mãe, pois esteve comigo em todos os momentos da minha vida, sempre me incentivando, e me amparando. Sem ela, nada disso seria possível. Meu exemplo de força e coragem, minhas vitórias sempre serão para a senhora.

Agradecer ao meu irmão que é minha fonte de inspiração, e é nele que me espelho todos os dias da minha vida.

Agradecer ao meu pai pelo incentivo de sempre, e pelos conselhos que levarei sempre comigo.

Ao meu avô (*in memória*), que foi o homem mais incrível que já conheci, um exemplo de força e superação.

A minha amiga Natália, que foi uma irmã que a UERN me presentou. Sem dúvidas os meus dias acadêmicos foram melhores com ela ao meu lado.

A minha orientadora Sueli, pela paciência e pelos ensinamentos. Obrigada por tudo. Saibas que sou muito grata.

RESUMO

A gramática tem um papel importante no âmbito escolar, por constituir-se numa forma de condução da linguagem, responsável por estabelecer padrões tanto na fala, quanto na escrita da língua. No entanto, observa-se muitos problemas no que diz respeito ao seu ensino e a sua aprendizagem, pois, frequentemente, os alunos apresentam sérias dificuldades quanto à forma como ela é abordada em sala de aula. Face ao exposto, a pesquisa aborda a importância da Gramática, em sala de aula, numa perspectiva da análise linguística, visando à superação das dificuldades que afloram, nesse contexto. Assim, definiu-se como objetivo geral analisar o ensino da gramática do livro didático ao texto do aluno, destacando desde a abordagem gramatical até a produção textual resultante desse processo de ensino e de aprendizagem. A base teórica está constituída por autores como Travaglia (2009), (2002), Possenti (1996), Geraldi (1996), dentre outros, que se dedicam a refletir sobre o ensino de gramática e suas variadas vertentes. Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, a geração de dados ocorreu, numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental, através da análise do livro didático de Língua Portuguesa e da produção de 17 textos, pelos alunos, os quais possibilitaram relacionar o processo de aprendizagem da Gramática com o seu ensino. A análise foi norteadada pelo entendimento de que a relação entre o ensino de gramática e a aprendizagem dos alunos deve ser mediada por instrumentos didáticos, sendo o livro didático o principal deles, que possibilitem ao aluno compreender que a gramática vai além de um manual de regras pré-estabelecidas, que ela é, antes de tudo, um elo que permite integrar, interagir e, principalmente, se comunicar de forma eficaz.

Palavras-chave: Ensino de Gramática. Livro didático. Análise linguística.

ABSTRACT

Grammar has an important role in school environment, for being a way of conducting the language, responsible for establishing patterns in both speech and writing the language. However, there are many problems with regard to their teaching and learning, as students often have serious difficulties in the way they are addressed in the classroom. In view of the foregoing, the research addresses the importance of Grammar in the classroom, and the difficulties that arise with respect to teaching, having as general objective to analyze the grammar teaching of the textbook to student text, highlighting the practice, the teaching and learning. The theoretical basis is composed of authors such as Travaglia (2009), (2002), Possenti (1996), Geraldi (1996), among others, who are dedicated to reflect on the grammar teaching and its various aspects. Being a qualitative research, the generation of data occurred, in a class of 6th year of Elementary School, through the analysis of the didactic book of Portuguese Language and the production of 17 texts by the students, which made it possible to relate the learning process of Grammar and its teaching. The analysis was guided by the understanding that the relationship between Grammar teaching and student learning should be mediated by didactic tools, being the didactic book the main one of them, that enable the student to understand that grammar goes beyond a pre-established rulebook, that it is, first and foremost, a link that allows integrating, interacting and, above all, communicating effectively.

KEYWORDS: Grammar Teaching. Textbook. Linguistic Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CONCEPÇÕES INERENTES AO ENSINO DE GRAMÁTICA	13
1.1 COMO E PORQUE SURTIU A GRAMÁTICA.....	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
1.1.1 Concepções de Linguagem	15
1.1.1.1 Primeira concepção: A linguagem é a expressão do pensamento.....	14
1.1.1.2 Segunda concepção: A linguagem é instrumento de comunicação.....	15
1.1.1.3 Terceira concepção: Linguagem como forma ou processo de interação.....	16
1.2 Tipos de ensino de Língua	18
1.2.1 O ENSINO DE GRAMÁTICA EM SALA DE AULA	19
1.2.2 OS DIFERENTES CONCEITOS DE GRAMÁTICA	21
1.3.1 O ensino de gramática no modelo tradicional	24
1.3.2 O ensino da Gramática Contextualizada	26
2 O ENSINO DA GRAMÁTICA: REALIDADE E PERSPECTIVAS	28
2.1 A PESQUISA EM CONTEXTO: A GERAÇÃO DOS DADOS	28
2.2 PERSPECTIVAS DE ANÁLISE	31
2.3 A EVIDÊNCIA DOS DADOS: COMO SE ENSINA GRAMÁTICA NA ESCOLA?.....	32
2.3.1 O livro didático: um manual de ensino ou um recurso didático pedagógico?	33
2.3.2 O ensino de gramática na prática: a escrita dos alunos	37
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O ensino de Gramática nas escolas está sendo um assunto bastante polêmico, perante a forma como é ensinada. Muitos professores usam diferentes métodos e inovações para que os alunos consigam absorver o máximo de conhecimento possível, diante as dificuldades observadas, para, conseqüentemente, obterem melhores resultados em suas produções.

Um dos fatores mais comentados é como a gramática é abordada, em sala de aula, quais são os meios e métodos usados pelos professores, perante as inúmeras dificuldades que os alunos apresentam. Em muitos casos, se percebe a intranquilidade docente referente ao que ensinar e o que fazer para não permanecer apenas trabalhando a Gramática normativa. Para tal:

[...] permanecem algumas divergências. Alguns professores ainda defendem o seu ensino sistemático; outros, o abandono deste, principalmente nas séries iniciais; uns procuram dar-lhe uma perspectiva “textual”, mas acabam utilizando o texto apenas como “pretexto” para uma análise metalinguística (TEIXEIRA, 2011, p. 164).

A partir dessa questão, vão surgindo várias indagações sobre o seu ensino, e como fazer para poder minimizar esses problemas que assolam as salas de aula, e as dificuldades com relação a sua aprendizagem, sendo o ensino contextualizado e a análise linguística apontados como passos importantes para a superação desses problemas, os quais estão diretamente relacionados à postura do professor.

Como é visto tradicionalmente e convencionalmente, o professor de Língua Portuguesa possui uma grande responsabilidade em ter como base a gramática normativa e, com isso, passar para seus alunos como lidar com o uso da gramática, tendo conhecimento sobre suas funções, classificações e respectivas designações.

Possenti (1998), conceitua a gramática como sendo “um conjunto de regras, que são o caminho exato para quem quer produzir escritos e falar de forma correta” e infere ainda que “não é um conceito de muita precisão em sua essência, porém não é uma definição enganosa.” (p. 63) Nesse conceito, dentre as concepções de gramáticas existentes, a consagração volta-se para a gramática normativa, também intitulada de prescritiva.

A gramática normativa assenta-se no seio da oralidade, consagrando o conjunto de variantes padrão como sendo o modelo perfeito e ideal para se estabelecer as regras e as normas da língua. Referindo-se à construção e a fronteira de um determinado objeto segundo o que se pode eliminar ou integrar dentro do contexto objeto da teoria (POSSENTI,1998).

Travaglia (2000) pondera sobre as inquietações de se ensinar a gramática, inferindo que o modo como o professor enxerga a língua dirá muito sobre o seu modo de mediação da gramática, no que diz respeito a como se visualiza e concebe a linguagem, promovendo um ensino gramatical pautado em suas concepções e perspectivas de língua. De forma geral, trata-se da influência a partir do entendimento refletida na metodologia.

Nessa perspectiva, a pesquisa se pautará na análise do ensino gramática do livro didático ao texto do aluno, destacando principalmente a prática, ensino e aprendizagem. Enfatizando ainda sobre a importância da gramática na construção de um bom desempenho linguístico do aluno, tanto na escrita quanto na oralidade, como também nas concepções e identificações de regras como classes de palavras, funções sintáticas, entre outros.

Nessa linha de pensamento, é relevante ressaltar que é necessário tratar sobre o manejo com a gramática em sala de aula, não só para a apreensão de conhecimentos, mas sim para a aplicação destes nas diversas modalidades de comunicação dependendo do contexto. A grande problemática que se assenta é a mediação da gramática sem contextualização, impedindo o aluno de relacionar as teorias com os textos.

Gramática é o conjunto organizado sistematicamente em normas que se objetivam no bem falar e escrever, de modo que estas são estabelecidas pelos especialistas na área, com base no uso e efetuação da língua consagrada pelos bons escritores, significando dizer que quem escreve ou fala conforme a gramática, quer dizer que domina as regras e as normas cercadas em seus estudos, compreendendo a teoria e funcionamento. Franchi (1991) apud Mendonça (2006)

Nessa concepção, percebemos que saber gramática quer dizer conhecer as normas e domina-las, para se obter uma boa escrita e um ótimo discurso, levando em consideração os aspectos linguísticos. Sendo de grande relevância, pois se o aluno dominar os assuntos abordados irá ter maior facilidade nas suas produções textuais, em sua oralidade e, conseqüentemente, em sua vida acadêmica.

É importante ressaltar que este tema foi escolhido através da inquietação gerada pelas aulas de estágio, de modo que os alunos sentiam dificuldade na escrita de texto com relação às regras gramaticais, e também por uma questão de afinidade com o referido tema, destacando as dificuldades encontradas quando se refere ao ensino da gramática de forma geral.

Sendo assim, iremos pesquisar sobre a relação do ensino da gramática com as produções textuais realizadas na oportunidade do estágio, para que se possa compreender como ocorre a aplicação do ensino de gramática. Tendo como principal objetivo ressaltar a importância da gramática e sua forma de ensino. Enfatizando a prática na contribuição com a escrita, e o aprendizado do aluno na ambientação do 6º Ano do Ensino Fundamental.

Uma das dúvidas mais frequentes em relação ao ensino de língua portuguesa se refere ao ensino de gramática, se devemos ensiná-la ou não na escola, ou ainda “para quem ensiná-la e como ensiná-la” (CECILIO, 2004, p.18). E é a partir desse ponto que nossa pesquisa começa a ter sua importância, pois várias dúvidas surgem cotidianamente, quando se diz respeito a Gramática e ao método que se deve ensiná-la.

O ensino do funcionamento da língua tem funções importantes para todos, pois ela além de sistematizar, ainda tem função disciplinadora no crescimento do português. Logo isso só será possível se o professor “dominar” a língua, nos seus diferentes conjuntos de regras, sendo apto a desenvolver e organizar o pensamento do aluno com relação a escrita, aperfeiçoamento da comunicação e conseqüentemente a compreensão de textos.

Nesse contexto, a pesquisa aborda a importância do ensino da Gramática em sala, e as dificuldades que afloram com relação ao seu ensino. Tendo como objetivo geral analisar o ensino da gramática do livro didático ao texto do aluno, destacando a prática, o ensino e o aprendizado. Assim, para a coleta de dados usamos o livro de Língua Portuguesa do 6º ano (Singular e Plural) a fim de relacionar o processo de aprendizagem da Gramática com a produção de texto de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.

A escolha desse corpus se deu a partir de um questionamento de como a Gramática deve ser ensinada e a relação da gramática e do aluno, visto que no âmbito escolar as dificuldades são nítidas. Os erros ortográficos e as dificuldades com relação ao uso das palavras e da gramática são dificuldades permanentes que

precisam ser questionadas para que esses problemas possam ser amenizados de forma positiva. Logo, notamos a relevância e a importância de se estudar gramática em sala de aula, percebendo as suas contribuições.

Quanto ao nosso tipo de pesquisa é indutiva, visto que iremos nos basear nas experiências dos alunos em sala de aula, dando ênfase ao estudo gramatical dos livros didáticos, aos textos produzidos e as condições que os alunos tem com relação ao conteúdo exposto e a seus conhecimentos adquiridos em sala, para que seja analisado se esse aprendizado será de grande importância para a vida acadêmica do aluno.

Sendo também de natureza qualitativa visto que se trata da interpretação de dados e fenômenos já existentes, na elaboração de novos olhares e visões. Não requerendo o uso de metodologias ou técnicas estatísticas já que se trabalha com dados já prontos, sendo estas de fontes direcionadas e em ambientação propícia para a temática da pesquisa no que diz respeito à coleta de dados. Nesse sentido, também é de cunho comparativo, pois irá ser observada duas vertentes: o ensino de gramática e a produção dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental (GIL, 1991).

Para tanto, no primeiro momento o trabalho foi dividido em capítulos, onde no primeiro capítulo é abordado as concepções do ensino de gramática, retratando seu surgimento, as concepções de linguagem, os tipos de língua, e uma breve reflexão sobre seu ensino. Em seguida, abordamos os tipos de gramática, conceituando cada uma. No segundo capítulo, finalmente são analisados textos de alunos de 6ºano, onde se faz uma relação com os textos, o ensino de Gramática em sala de aula, e a contribuição do livro Didático.

Esta pesquisa é de grande importância no âmbito escolar, principalmente para os professores, visto que as dificuldades e desafios são vistos diariamente. Pois o professor deve não só saber o que é gramática, e sim ter conhecimento além dela, pois é importante e reflete em seu ensino durante as aulas e na aprendizagem do aluno, principalmente para aqueles que sentem mais dificuldades.

1. CONCEPÇÕES INERENTES AO ENSINO DE GRAMÁTICA

É notório que o ensino de Gramática é um assunto complexo, e de extrema dificuldade, pois em muitos casos a forma como se é ensinado tem gerado grandes questionamentos e dúvidas perante o âmbito escolar, tanto para os professores quanto para os alunos. Com isso vem a seguinte indagação: o que entendemos por gramática?

Percebemos então que esse questionamento depende do que o professor elabora em sala de aula e o que reflete em seu ensino-aprendizagem, e a partir daí, dessa inquirição podemos concluir de fato esse conceito e de relevância sua importância. Mas, o que se nota então é que a gramática era vista como algo que levava o aluno a “decorar para tirar notas boas nas provas”, e isso foi dificultando cada vez mais.

O professor determinava o assunto referente a gramática, seja nos aspectos lexicais, morfológicos, sintáticos e semânticos, e logo em seguida era atribuídos exercícios relacionados aos assuntos abordados. Isso passou a ser mal visto pelos alunos e conseqüentemente levou uma má visão do ensino de gramática e uma artificial imagem tanto do ensino de Língua portuguesa quanto do professor, assim Travaglia (2000), diz que a forma como o professor de língua concebe a linguagem vai determinar sua forma de trabalhar a gramática em sala de aula.

Em seguida, Antunes pondera que:

Quando alguém é capaz de falar uma língua, é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua (além, é claro, de outras de natureza pragmática) na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras da formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática (ANTUNES, 2003, p. 85-86).

Logo, iremos apresentar os diversos conceitos da Gramática, sua importância, como e porque ocorreu o seu surgimento, os tipos de Gramática e os diversos assuntos que a envolve, dando destaque principalmente ao método como se é ensinado e os erros mais comuns que ainda é cometido.

1.1 COMO E PORQUE SURTIU A GRAMÁTICA

De início para podermos explorar, entender e até comentar o ensino de gramática, destacando seus pontos negativos e positivos é de grande importância realizar um estudo sobre a mesma para podermos construir um pensamento mais exato com relação as suas origens, suas contribuições e as demais características que ela apresenta.

Sendo assim “A gramática teve origem há dois séculos antes da era cristã na escola de Alexandria, sendo os gregos os primeiros a se dedicarem ao estudo gramatical e às suas estruturas gramaticais com objetivo de preservar a pureza da língua grega que estava sendo contaminada por barbarismos”. (LIMA, 2006, p.36).

A criação da gramática teve por objetivo regular a língua padrão para que assim a mesma não entrasse em esquecimento já que estava sendo “contaminada”. Pois existia uma preocupação em proteger a língua, pois existia muitas diferenças. Assim sendo, Bagno (1999, p.56). mostra que:

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Alias a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever”.

Logo, seria indispensável observar forma como é ensinado a Gramática nas escolas. Pois de acordo com o tempo ela passou a apontar o que é certo e o errado. E com isso é de suma importância o professor ter essa concepção, adquirir de forma relevante com relação ao seu ensino e ao sobre ao seu surgimento, para que assim os alunos possam ter essa base de como foi o seu surgimento e de tudo que aconteceu na sua criação.

Sabemos que é fundamental o professor ter um conhecimento sobre as concepções de linguagem, pois aprimora ainda mais sua prática didática e conseqüentemente irá selecionar qual concepção é mais atuante e adequada para o seu ensino, assim, destacamos a sua importância para o adequado uso da língua.

Assim, Travaglia enfatiza que:

Outra questão importante para o ensino da língua materna é a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em

muito o como se estrutura o trabalho com a língua em termo de ensino. A concepção de linguagem é tão importante quanto a postura que se tem relativamente à educação. (TRAVAGLIA, 2009, p.21).

Assim, abordaremos as três diferentes concepções que compreende a linguagem e da sua importância para o conhecimento do professor.

1.1.1 Concepções de Linguagem

É relevante o professor ter um certo conhecimento sobre as concepções de linguagem. Principalmente para expor os conteúdos em sala de aula. Essas concepções ajudam no desenvolvimento, visto que elas refletem no pensamento. Logo, serão exibidas a seguir:

1.1.1.1 Primeira concepção: A linguagem é a expressão do pensamento

Nessa concepção a linguagem é vista como o reflexo do pensamento, ou seja, devemos pensar para podermos nos expressar. Um dos problemas vistos é que muitos sentem dificuldades e até apatia em pensar e conseqüentemente se expressar e é essa a causa que surge essa oposição. Assim, para essa concepção temos:

As pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

Logo, quem fala e escreve bem se policiando das normas da gramática da língua conseguirá manter uma linha de raciocínio e conseqüentemente organizará um pensamento lógico. De acordo com Koch (2002, p. 13), “à concepção de língua como representação do pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações” (p. 16).

Travaglia diz que:

A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Presume-se que há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem (TRAVAGLIA, 2009, p.21).

Essa é a concepção que representa o pensamento, pensamos em algo, e logo em seguida podemos nos expressar e expor. Essa concepção nos leva a reflexão, a pensar mais.

1.1.1.2 Segunda concepção: A linguagem é instrumento de comunicação

Esta concepção discute a linguagem como instrumento de comunicação, onde a língua é um sistema de sinais que é a partir daí que interagimos com as pessoas, ou seja, é um código que exhibe uma mensagem.

Logo, Travaglia (1997, p. 22), expõe que:

Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização - na fala (cf. Saussure) ou no desempenho (cf. Chomsky). Isso fez com que a Linguística não considerasse os interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a estuda segundo uma perspectiva formalista - que limita esse estudo ao funcionamento interno da língua - e que separa o homem no seu contexto social.

É importante ressaltar que no decorrer dos estudos que se referem a essa concepção importantes nomes relacionadas aos mesmos serviram de grande destaque, como os de Noam Chomsky (linguista americano que conduziu a gramática gerativo-transformacional) e Ferdinand de Saussure (fundador do Estruturalismo, no início deste século).

Travaglia afirma:

Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada (TRAVAGLIA, 2009, p.22).

Nessa concepção temos a língua como um código, onde existe a combinação de palavras para que possamos emitir uma mensagem, e para que haja a comunicação

1.1.1.3 Terceira concepção: Linguagem como forma ou processo de interação

Nessa concepção Travaglia (2002, p.23) relata que “o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor”.

Assim, vemos que a linguagem faz com que exista a interação humana, a comunicação. O diálogo é que faz sentido e dá característica à linguagem.

Logo, Travaglia (2002, p. 23) enfatiza:

A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.

Nessa afirmação o autor instiga a compreensão de que é através da linguagem que expressamos a nossa compreensão do mundo, a captação dos muitos sentidos para o que acontece ao nosso redor, o que fazemos e o que ouvimos, ou seja o que entendemos e o que fazemos o outro entender sobre o que somos e o que falamos.

Dessa forma, Bakhtin (2006) diz para essa concepção que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.125).

Sendo a língua que possibilita a interação, a linguagem consiste na forma como essa interação se materializa. No entanto, não é um ato isolado resultante apenas de aspectos físicos e psíquicos, mas sim das relações interpessoais. Por isso que não há comunicação sem interação.

1.2 TIPOS DE ENSINO DE LÍNGUA

Ao ensinar uma língua, podemos, segundo Halliday, McIntosh e Strevens (1974, p. 257-287) realizar três tipos de ensino: o prescritivo, o descritivo, e o produtivo.

Para Travaglia (2002, p. 38) o ensino prescritivo objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis por outros considerados corretos/aceitáveis. É, portanto, um ensino que interfere com as habilidades linguísticas existentes.

No ensino descritivo, Travaglia (2002, p. 39) diz que:

Objetiva mostrar como a linguagem funciona e como determinada língua em particular funciona. Fala de habilidades já adquiridas sem procurar alterá-las, porém mostrando como podem ser utilizadas ...a língua materna tem papel relevante por ser a que o aluno mais conhece.

Com isso, Travaglia (2002, p. 39) alega que esse ensino tem por via dois objetivos, são eles:

Levar ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura e funcionamento, sua forma e função;
Ensinar o aluno a pensar, raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade.

Essas duas concepções de ensino, apontadas pelo autor, são bastante criticadas, visto apresentarem-se bastante estéreis do ponto de vista da relação comunicativa, ou seja, não possibilita ao aluno interagir de forma dinâmica, em sala de aula, por priorizar os elementos estruturais da língua. A partir dessa compreensão, apresentamos a visão de Halliday, McIntosh e Strevens, (1974, p. 276, citada por Travaglia, 2002), que trata do ensino produtivo:

Tem por objetivo ensinar novas habilidades linguísticas. Quer ajudar o aluno a estender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente; dessa forma, não quer "alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua [...].

Para Travaglia (2002, p. 40), esse tipo de ensino é capaz de desenvolver a competência comunicativa, já que tal desenvolvimento implica a aquisição de novas habilidades de uso da língua.

1.2.1 O ensino de Gramática em sala de aula

Muitos são os questionamentos sobre o ensino da Gramática. Ensinar gramática é algo muito complexo, pois, ainda hoje notamos muitas dificuldades com relação a forma como se é ensinada, e transmitida. E em muitos casos isso se dá pelo fato de que o professor muitas vezes adota o ensino prescritivo da língua e acaba esquecendo melhores formas que possibilitem a comunicação e interação dos alunos.

O modo como é ensinado a língua portuguesa tem sido uma questão bastante questionada, principalmente quando se fala da Gramática, pois é um campo amplo no qual se deve muito cuidado e exige métodos que facilitem seu desenvolvimento em sala de aula. Com isso projetos são abordados, pesquisas são feitas de acordo com as necessidades, para que assim se possa implantar reflexões acerca desse tema e ao mesmo tempo propor soluções diante das dificuldades existentes.

Para os professores, é indispensável avaliar a metodologia que será mais adequada, para que o ensino seja mais pertinente e que leve o aluno a apreensão sobre as regras gramaticais e a produção de textos com o domínio destas regras, que se configura como o conhecimento e desenvolvimento do aluno em sala. Desse modo, para o ensino eficaz faz-se necessário refletir sobre três pontos de extrema relevância: as concepções de gramática, o ensino de gramática e a relação desta com o Livro Didático de Língua Portuguesa.

Travaglia (2000) pondera sobre as inquietações de se ensinar a gramática, inferindo que o modo como o professor enxerga a língua dirá muito sobre o seu modo de mediação da gramática, no que diz respeito a como se visualiza e concebe a linguagem, promovendo um ensino gramatical pautado em suas concepções e perspectivas de língua. De forma geral, trata-se da influência a partir do entendimento refletida na metodologia.

Ensinar gramática na escola é um trabalho que apresenta grandes dificuldades, que exige em uma boa preparação do professor, tendo em vista principalmente o método que o mesmo usa para compartilhar o conhecimento sobre determinado

assunto. Com isso, discutir o que será pertinente para os alunos é uma dificuldade que atinge muitas salas de aula, atingindo não só os professores, mas também os alunos em questão. Assim, Travaglia (1998) fala que um professor não pode trabalhar com um conteúdo sem conhecê-lo completamente.

Logo, destaca-se a forma como o professor atua em sala de aula, frisando suas inovações e possibilitando da melhor maneira possível o aprendizado, levando em consideração o conhecimento que o aluno já adquiriu, e que com a ajuda do professor irá ampliá-lo. Levando em consideração tanto para os professores quanto para os alunos uma reflexão sobre esse assunto. Assim, Geraldi (1984, p. 41-45) afirma que:

O professor é um mediador, deve-se ensinar algo de maneira que o outro reconheça o porquê, a necessidade daquilo que ensinamos. A língua é uma prática social, por isso a necessidade de se ensinar à língua dentro de um contexto. A interação acontece dentro da diferença do outro, onde irá contribuir para sua formação.

Principalmente quando encontramos dificuldades com relação a escrita presente no texto ou no discurso do aluno, pois muitos escrevem de acordo com a pronúncia de algumas palavras, é aí que existe a variação linguística, onde é o reflexo de que a fala influencia diretamente na escrita, e esse problema é visto diariamente no âmbito escolar.

No que diz respeito ao ensino de gramática no espaço escolar, está muito vivo a tipologia de ensino gramatical tradicional, no qual persistem-se as mesmas formas metodológicas; deixando de lado a reflexão da língua. Dessa forma, Suassuna (2001), sobre a gramática tradicional diz que:

Apresenta uma visão preconceituosa e purista da língua, expressando ora na censura e certos usos, ora na exclusão de determinadas construções;
Dá bastante privilégio ao ensino de terminologias, de metalinguagem e não da língua propriamente dita;
Apresenta e impõe definições precárias, circulares, pouco explícitas;
Privilegia a análise pela análise, de modo que não se discute regras de construção, levando o aluno a reproduzir, quase nunca a sintetizar;
Adota uma abordagem de língua que não leva em conta os seus diferentes usos, bem como as situações concretas de interação;
Apresenta a língua como um sistema estático, por desconsiderar as transformações por ele sofridas com o decorrer do tempo;
Impõe uma única modalidade linguística aos estudos gramaticais, ignorando a diversidade.

Assim, para Marote e Ferro (2002, p.23) a gramática é:

A descrição completa da língua, isto é, dos princípios de organização da língua. Ela compara diferentes partes: uma fonológica (estudos dos fonemas e de suas regras de combinação), uma sintaxe (regras de combinação dos morfemas e dos sintagmas), uma lexicologia (estudo do léxico) e uma semântica (estudos dos sentidos dos morfemas e de suas combinações).

Podemos observar que a Gramática é formada de diferentes maneiras e que mesmo assim tem por finalidade determinar o uso das regras da língua. Contudo, ela não terá apenas esta função, como também não teremos um tipo de Gramática, existe vários tipos, e cada uma com sua utilidade.

Assim, diversos autores já abordaram a conexão entre concepção de linguagem e sua influência para o ensino. Kato (1995) diz que o professor e suas atitudes e concepções são decisivos, no processo de aprendizagem, para se configurar o tipo de intervenção nesse processo. Desse modo, destacamos a importância do professor se posicionar e refletir quanto a concepção que ele acha mais proveniente com relação ao modo como se é ensinado em sala de aula, para que possa ter um reflexo melhor na aprendizagem dos alunos.

1.2.2 Os diferentes conceitos de Gramática

Existe vários sentidos da gramática, um deles é que ela é “um manual com regras de bom uso da língua”, retratando que a mesma é um conjunto de normas para falar e escrever bem.

Possenti (1998), conceitua a gramática como sendo “um conjunto de regras, que são o caminho exato para quem quer produzir escritos e falar de forma correta” e infere ainda que “não é um conceito de muita precisão em sua essência, porém não é uma definição enganosa” (p. 63). Nesse conceito, dentre as concepções de gramáticas existentes, a consagração volta-se para a gramática normativa, também intitulada de prescritiva.

Essa concepção é bem conhecida e usada por professores e alunos, e principalmente vemos em vários livros didáticos e gramáticas. Esse tipo de

gramática é a normativa, cujo maior preocupação e interesse exatamente é na variação da escrita, ou seja, é o cuidado em como se deve escrever e falar.

Assim sendo:

Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e léxicas), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 2001, p. 30).

Outro conceito que a gramática tem é a de reconhecer que a gramática é “o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (TRAVAGLIA, 2001, p. 28).

A essa concepção se refere a gramática internalizada, ou seja, o desenvolvimento e as hipóteses construídas sobre a língua de acordo com suas experiências linguísticas. Assim sendo, é considerada um conjunto de regras para se referir a uma área de conhecimento, uma vez que ela apresenta diferentes significados. Logo, Perini nos diz que:

[...] qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E veremos que esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo pessoas que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua. São como pessoas que não conhecem a anatomia e a fisiologia das pernas, mas que andam, dançam, nadam e pedalam sem problemas (PERINI, 2001, p. 13).

Perini nos afirma que a gramática é um conjunto de regras, onde nela encontramos uma área de conhecimento a qual buscamos nos adaptar e aprender as diversidades da linguagem, e que todos são capazes de ter esse conhecimento, e sim que ela é adquirida de forma natural, com as atividades linguísticas do dia a dia, é algo espontâneo.

No que diz respeito ao Livro Didático de Língua Portuguesa, pode-se afirmar que é um recurso utilizado como mediador de leitura e atividades gramaticais presentes nas instituições de ensino. Dessa maneira, nos apoiando nas postulações de Batista e Rojo (2005), vemos que utilidade se tem um Livro Didático dentro de

sala de aula, no qual se intensifica pelo objetivo de ajudar no ensino de uma determinada disciplina, através de um conjunto imenso de assuntos curriculares, que nos é repassado como forma de unidades e exercícios de maneira que se possam trabalhar esses requisitos em grupos ou individualmente (p.15). Não podemos deixar de ressaltar que o mesmo é uma ferramenta indispensável no que diz respeito ao ensino-aprendizagem.

Tendo o Livro Didático como uma ferramenta precisa nos contextos educacionais, vê-se um grande problema nesta proposição, de maneira que os professores seguem a risca tudo o que está determinado no livro, preocupando-se apenas em cumprir com aqueles assuntos e conseguir comportar todo o livro no final do período escolar.

Para tanto, Geraldi (1993, p. 226) infere que (...) “os professores não adotam os livros didáticos; eles são adotados pelos livros didáticos.” De acordo com essa citação, pode-se ver que o Livro Didático dá direção à metodologia dentro da sala de aula, sendo considerado como um determinante fundamental. Marcuschi (2007) preconiza alguns pontos relevantes á serem relatados pelos autores que compõem o Livro de Língua Portuguesa:

- Adota o texto como unidade básica do ensino;
- A produção linguística é tomada como produção de discursos descontextualizados;
- A noção de que os textos se distribuem num contínuo de gêneros estáveis, com características próprias e são socialmente organizados, tanto na fala quanto na escrita;
- A atenção para a língua em uso, sem se fixar no estudo da gramática como um conjunto de regras, mas destacando a relevância da reflexão sobre a língua;
- A atenção especial para a produção e compreensão do texto escrito e oral;
- A explicitação da noção de linguagem adotada, com ênfase no aspecto social e histórico;
- A clareza quanto à variedade de usos da língua e à variação linguística.

Dessa forma, vê-se que o Livro Didático de Língua Portuguesa faz-se bastante importante em sala de aula, pois o mesmo norteia o professor às práticas pedagógicas; porém o professor faz-se refém desse recurso não adotando outras medidas recorrentes, prendendo-se inteiramente e limitando os aspectos metodológicos.

Nessa perspectiva, tratando sobre essas questões ligadas as concepções de gramática, ensino de gramática e o Livro Didático de Língua Portuguesa somadas às abordagens sobre leitura, produção de textos escritos, análise linguística e linguagem/comunicação oral, faz-se necessário perceber como ocorre à função destes últimos em relação à gramática. De modo que Suassuna (2006, p. 30) nos diz que a leitura deve ser uma possibilidade ou possibilidades as quais os alunos através dela escolham caminhos, podendo apreender informações novas somando-as com a que ele já possui, intensificando o seu conhecimento próprio e em relação ao outro no processo de socialização. No que diz respeito à produção de textos escritos, deve-se levar o aluno a se expressar com base nas suas concepções, crenças e leituras já feitas, que juntas formam a sua própria visão de mundo.

Em relação à produção de textos escritos, além dos conhecimentos prévios utilizados somados com a visão de mundo do aluno, depois destas potencialidades pensa-se na escrita de base gramatical normativa (tradicional) que imprime o conhecer das regras e normas nas aplicações de textos produzidos pelo alunado. Assim, a linguagem oral que faz-se viva no processo de comunicação torna o aluno atuante e crítico, na promoção de debates sobre determinadas temáticas.

Nessa perspectiva, no que confere a análise linguística, deve-se refletir sobre as contribuições trazidas desta para o desenvolvimento do aluno na produção de textos e na comunicação oral, promovendo a reflexão sobre a língua, a qual a gramática traga as suas teorias alicerçadas em diversos contextos (considerando as variações linguísticas), trazendo explicações construídas e explicativas para o entendimento e a aplicabilidade do aluno no texto.

1.2.1 O ensino de gramática no modelo tradicional

Costumamos identificar a gramática normativa em livros didáticos e principalmente em sala de aula, ela é aquela ensinada desde o início da história da educação. Ela procura determinar a regulamentação da língua, de regras e

consequentemente do escrever e do falar bem. Para Martelotta (2009, p.45), “Outro conceito da gramática tradicional que é estudada na escola desde pequenos, que o nossos professores de português nos ensinaram a reconhecer os elementos que constitui formadores dos vocábulos como os radicais, afixos, etc.” Nossos professores de português nos ensinaram a reconhecer os elementos que constitui formadores dos vocábulos como os radicais, afixos, etc.”

Segundo Travaglia, a gramática normativa:

Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 2004, p. 30).

Essa Gramática tradicional é vista como a memorização de regras, ou seja, nela decora-se regras e normas para assim, obter uma boa comunicação e uma excelente escrita, essa é a maior preocupação da Gramática Normativa.

Assim, Travaglia (2001, p.30) aponta que a Gramática Normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, essas normas são necessárias para a correta utilização oral, ou seja, para um bom discurso, como também para a escrita de um idioma. Dita o que se deve e o que não se deve usar na língua. Ele fala que essa Gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, apenas uma é verdadeira.

Para Neves (1994 *apud* SILVA 2006, p. 3), essa Gramática se divide em 2 tipos, onde ela relata que:

[...] Sobretudo no que concerne ao conceito de gramática normativa, é possível ainda arriscar um desdobramento que resulte na ocorrência de dois outros tipos de gramática: a normativa pedagógica, que não são senão os célebres manuais didáticos, isto é, livros “preparados com a clara intenção de adoção em sala de aula, por isso mesmo com apresentação de exercícios após a lição teórica”; e a normativa teórica, aquela que, sem uma explícita intenção didática, procura registrar regras e preceitos voltados para o uso supostamente correto de um determinado idioma, a partir de uma variante culta que se constitui, assim, na norma padrão da língua.

Logo, o livro didático serve de aporte para o professor, servindo como base e como um norte para que possamos seguir uma linha de raciocínio e principalmente deixar claro sua função. Esse tipo de gramática é a que mais é usada nas escolas, isso porque já existe aquela tradição ou até pelo fato de desconhecer outras existentes.

Assim relata Travaglia:

A gramática normativa é mais uma espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade. A parte de descrição da norma culta e padrão não se transforma em regra de gramática normativa até que seja dito que a língua só é aquela forma, só pode aparecer e ser usada naquela forma (TRAVAGLIA, 2009, p.31).

Como já vimos discutindo, neste trabalho, ao tratar de ensino de gramática, necessário se faz superar essa visão mecânica de ensino normativo, adotando-se, então, uma proposta de trabalho mais condizente com a realidade do aluno, no que se refere à prática de leitura e à produção textual. Por isso passamos a falar de gramática contextualizada, no tópico a seguir.

1.2.2 O ensino da Gramática Contextualizada

Falar em Gramática Contextualizada é algo bastante complexo, pois a mesma gera vários conflitos e questionamentos. Sabemos que a linguagem precisa de uma certa interação, ela nunca ocorre sozinha, de forma isolada, precisa sempre de um objeto de estudo, de comunicação.

Usar a Gramática de forma isolada faz com que a língua perca a chance de conhecer o quão abundante é o mundo da linguagem. Nessa perspectiva Antunes fala da Gramática Contextualizada que:

Seria uma perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando, como referência de seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita (ANTUNES, 2014, p. 46).

Essas estratégias e funções da Gramática Contextualizada faz com que o aluno tenha um domínio para com a leitura e escrita, pois são através dos textos e

da escrita dos mesmos que conseguimos um bom resultado na leitura, na escrita e na comunicação.

Logo Antunes vem enfatizar que:

Convém ressaltar que uma gramática contextualizada requer, também e sobretudo, que as descrições que dela são feitas encontrem apoio nos usos reais, orais e escritos, do português contemporâneo, ou seja, nos textos que ouvimos e podemos ler na imprensa, nos documentos oficiais, nos livros ou revistas de divulgação científica etc. Implica, pois, ter como respaldo o que, de fato, pode ser comprovado nos textos que circulam aqui e ali por esse Brasil afora. (ANTUNES, 2014, p.111).

Portanto, a Gramática Contextualizada é uma peça chave no âmbito escolar, pois a mesma faz com que os alunos pensem e questionem mais, fazendo com que o conhecimento amplie e que desperte no professor o desejo de tornar alunos cientes de como o poder da língua, da linguagem, tem papel fundamental na sociedade.

2. O ENSINO DA GRAMÁTICA: REALIDADE E PERSPECTIVAS

Este capítulo objetiva discutir o modo como o professor aborda a Gramática em sala de aula e como isso reflete na aprendizagem do aluno, considerando-se que é na sala de aula que as situações de aprendizagem são construídas e os pensamentos vão se formando, ancorados no conhecimento e na competência profissional do professor. Para tanto, analisaremos os dados gerados para este trabalho, de forma objetiva, destacando as ocorrências linguísticas que se evidenciam tanto nos textos dos alunos, quanto no livro didático utilizado para esse fim.

2.1 A PESQUISA EM CONTEXTO: A GERAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa delineou-se a partir das inquietações geradas pelas aulas de estágio, ao perceber que os alunos sentiam dificuldade na escrita de texto e que isso tinha a ver com as regras gramaticais. Alinhado a isso, também temos afinidade com o tema, por sempre procurar entender as dificuldades encontradas, quando se refere ao ensino da Gramática, de forma geral.

Sendo assim, reiteramos que a pesquisa buscou relacionar o ensino da gramática com as produções textuais realizadas na oportunidade do estágio, para que se possa compreender como se desenvolve o ensino de gramática e, assim, contribuir para a reflexão sobre o tema e, conseqüentes melhorias. Visando a ressaltar a importância da Gramática e sua forma de ensino, estudamos a produção escrita e o aprendizado do aluno, na ambientação do 6º Ano do Ensino Fundamental.

Logo, foram coletados textos de alunos do 6ºano, considerando que nas séries iniciais é que o aluno concebe várias dúvidas e questionamentos, principalmente quando o assunto é gramática, suas formas de apresentação e como ela reflete na escrita de cada aluno.

Dessa forma, definimos que os textos escritos pelos alunos seriam analisados tendo como referência a relação da Gramática com o seu ensino, considerando sua importância tanto para a produção escrita quanto para a fala. Para isso, levamos em consideração Travaglia (2002, p.32), que trata da gramática internalizada ou competência linguística internalizada, concebida como “o próprio ‘mecanismo’, o

conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua”.

Compreender a gramática dessa forma diz respeito a concebê-la como um sistema natural de comunicação que é inerente à condição humana e, como tal, deve ser estudado na escola como integrante do sistema de comunicação do indivíduo, que permite mantermos uma boa relação tanto na nossa fala(língua) quanto para a nossa escrita e de como podemos nos comunicar e nos expressarmos bem.

A análise gerada, foi dividida em duas partes:

Primeiro, faremos uma análise do livro didático, de como ele está inserido no contexto escolar, de como ele reflete na aprendizagem do aluno, e se o livro consegue absorver e suprir as dúvidas e questionamentos dos alunos.

O livro didático escolhido foi o de Língua Portuguesa Singular e Plural - Leitura, Produção e Estudos de Linguagem, que tem como autores Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart, do 6º ano. Ele apresenta-se dividido em 7 unidades, cada uma dessas unidades contém vários capítulos. A unidade 2, que está exibido o conteúdo da Gramática é chamado de Língua e Gramática Normativa.

Nessa unidade, estão expostos 5 capítulos, são eles:

- **Gramaticalidade da língua**

A seleção e a combinação de palavras: os dois eixos da língua

Gramaticalidade e Gramática

- **Frase e oração**

- **Classes de palavras** (Substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, artigos, numerais).

- **Substantivo:** a classe de palavra que nomeiam as coisas do mundo.

- **As classes de palavras que especificam os substantivos**

A segunda parte faz um elo entre os textos dos alunos, o ensino de Gramática e de como o livro faz essa relação de suprir as necessidades, considerando as ocorrências linguísticas, que podem variar desde problemas ortográficos à falta de nexos, em alguns textos produzidos, que podem ser identificados como os erros mais frequentes

O *corpus* é constituído por 17 textos, que foram produzidos nas aulas de estágio do 6º ano. São textos narrativos, que abordam temas frequentes, referentes a narração e comuns com relação a série escolhida, como: “A casa mal assombrada”, “A viagem dos sonhos”, “A festa do Pijama”, “Um dia na piscina”. Foi colocado em questão inúmeros temas, onde os alunos deveriam escolher e escrever um texto narrativo baseado no tema escolhido, o que tornou a aula prazerosa pois os alunos tiveram a oportunidade de escolher o que mais se identificava.

Foram vários temas comuns de uma narrativa, como:

- A casa mal assombrada
- O dia mais feliz da minha vida
- A festa do pijama
- A viagem dos sonhos
- Como conheci minha melhor amiga
- Um dia na piscina
- Uma aventura na serra

O processo de produção teve início com a escolha dos temas, que foram expostos no quadro, cada aluno escolheu o que mais se identificava, ou o que tinha mais conhecimento e se sentia mais apto a produzir um texto, o que facilitou bastante na escrita de cada texto.

De fato, são temas relevantes para a referida série, e de um campo amplo de imaginação para os alunos que praticaram a escrita desses textos, tornando ainda mais prazerosa a produção e ampliando o desempenho dos mesmos, implementando no aluno o pensar, a reflexão, para assim melhorar tanto a escrita, quanto minimizar alguns erros ortográficos, pontuações, entre outros.

O tipo textual Narrativo foi escolhido pelo fato de os alunos já terem um certo conhecimento sobre a estrutura, e de como organizar todos os quesitos que aborda uma narração, como os personagens, o enredo e a conclusão dos fatos.

A produção de textos narrativos exerce uma influência marcante na vida do aluno, pois acaba despertando a curiosidade, a imaginação, instiga o aluno a pensar, a criar situações, e a viver a história que está sendo escrita, é um gênero bastante importante no âmbito escolar e que estimula o conhecimento dos alunos das séries iniciais.

2.2 PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

De início, foi visto nos textos coletados as ocorrências linguísticas mais frequentes, que consideramos fator primordial para a análise dos dados, ou seja, os erros mais vistos nos textos fizeram-se uma relação com o livro e o uso da Gramática em si, para assim poder obter a análise.

O livro foi estudado em partes, para facilitar e absorver o máximo de informações possíveis. O que tornou mais simples foi o fato do livro ter um capítulo especificamente gramatical, ou seja, nele tinha informações exclusivas sobre a Gramática, seus conceitos, e suas variadas classes, para assim, de fato analisar a forma como os assuntos eram abordados no livro

Nele, nota-se a presença de explicações e exemplos dos assuntos abordados, de forma bem clara e sucinta onde faz com que o aluno tenha um norte do que está sendo exposto, facilitando ainda mais o seu entendimento. Que é onde entra a questão do livro didático, pois sabemos da sua importância no âmbito escolar, pois seu papel é fundamental para que o professor tenha um norte sobre o que será abordado durante as demais atividades em sala. “A importância atribuída ao livro didático em toda a sociedade faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando de forma decisiva o que se ensina e como se ensina, o que se ensina” (LAJOLO, 1996, p. 4).

É relevante que o livro didático é um fator indispensável na organização e conseqüentemente na prática dos professores, ajudando-o em todo o processo da construção de aprendizado em sala. É um fator indispensável, pois ele é um tipo de consulta, um objeto auxiliador de grande importância. Gérard e Roegiers (1998, p.19), definem o livro didático como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”

Esses aspectos de fato são de grande relevância, mas não decisivos, pois cabe ao professor saber nortear e transmitir ao aluno os métodos e as melhores formas de se ensinar a Gramática presente nos livros didáticos. Nos livros, a Gramática sempre está presente seja nos modelos tradicionais, seja na sua forma contextualizada, o que possibilita um esclarecimento para o aluno.

Logo, Rodella; Nigro, Campos, 2009, p. 4 – Manual do professor) diz que:

Um livro é um dos recursos de que o professor e os alunos dispõem como auxiliar no processo de aprendizado. Ele é um instrumento, uma ferramenta. Nesse sentido, ele deve trazer uma antologia de textos, acrescida de atividades e propostas de produção, amarradas por uma metodologia de ensino coerente. E deve poder funcionar como uma bússola e um mapa, para que os alunos consigam se orientar entre as diversas linguagens e abrir as próprias trilhas no caminho da aprendizagem.

Como são alunos do 6º ano os textos escolhidos foram bastante simples e de fácil entendimento, com temas comuns para uma boa interpretação e escrita do aluno. Neles podemos notar a presença de diversos erros ortográficos, quanto gramaticais, e de que como a língua interfere na nossa escrita, ou seja, escrevem as palavras como são pronunciadas.

2.3 A EVIDÊNCIA DOS DADOS: COMO SE ENSINA GRAMÁTICA NA ESCOLA?

A forma como se é ensinado a Gramática e de como ela é abordada em sala reflete de modo geral no âmbito escolar do aluno, ou seja, ensiná-la é algo bastante complexo que exige do professor conhecimentos e inovações. É de grande importância o professor ter um conhecimento sobre a Gramática, suas concepções e seus diferentes tipos. Para Travaglia(2002, p. 24), há basicamente três sentidos para a concepção de Gramática, a primeira é que:

A Gramática é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente.

Franchi (1991, p.48) apud Travaglia (2001, p. 24) diz que:

Para essa concepção, que normalmente é rotulada de Gramática normativa, “a gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores”, e “dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e domina tanto nacionalmente quanto operacionalmente”.

A segunda é a “descrição de como a língua funciona, do conjunto de regras que são usadas pelos falantes. Leva em consideração (considera gramatical) tudo o que estabelece comunicação, de acordo com determinada variedade linguística, ou seja, tudo o que está inserido no sistema” (p. 27).

E a terceira é “o saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana (...) natureza social e antropológica. Para esse tipo de gramática não existe livro, sem ter erro linguístico, são as regras da língua inerentes ao homem, a qual ele recebe assim que entra em contato com uma comunidade falante” (p. 28).

De fato, o ensino de Gramática deve acontecer nas séries iniciais, pelo fato da criança estar formando uma linha de pensamento a partir dos seus questionamentos e do que realmente é ensinado em sala de aula, que conseqüentemente contribui para sua escrita e sua fala.

Para tanto, como foi explicado anteriormente, analisaremos alguns textos afim de identificar e expor os erros mais frequentes relacionadas a Gramática de forma bem objetiva para assim, podermos minimizar algumas dessas dificuldades, e podermos reverter esses erros para a aprendizagem do aluno.

2.3.1 O livro didático: um manual de ensino ou um recurso didático pedagógico?

Na verdade, o livro didático serve como um guia para os professores, ou seja, é algo indispensável, pois é a partir dele que formamos pensamentos e temos como base o que será ensinado em sala de aula, tendo um papel fundamental no que diz respeito ao ensino dando coerência tanto na prática quanto na teoria, para tanto:

[...] livros didáticos serão o instrumento adequado para a transformação da mensagem científica em mensagem educativa. Nota-se, ainda, que, nesse caso, o livro didático é não somente o instrumento adequado mas insubstituível, uma vez que os demais recursos não se prestam para a transmissão de um corpo de conhecimentos sistematizados como o é aquele que constitui a ciência produto (SAVIANI, 2007, p. 136).

Logo, o livro Singular e Plural - Leitura, Produção e Estudos de Linguagem, apresenta-se como um livro de abordagem acessível, no que se refere ao ensino de gramática, tendo como foco uma proposta para o trabalho com a Gramática contextualizada, conforme apresentamos a seguir:

Estudos de língua e linguagem

Capítulo
1 Gramaticalidade da língua

Como é que é?

Na unidade anterior, vocês discutiram sobre o que é linguagem e o que é língua. Agora vamos discutir as seguintes questões:

- *Língua e gramática são a mesma coisa?*
- *Nós sabemos alguma coisa de gramática? O quê?*

Sugerimos que você dedique um tempo para uma conversa coletiva sobre as questões propostas, de modo que os alunos possam compartilhar impressões ou levantar hipóteses a partir delas.

Veja só tudo o que já podemos dizer sobre a língua:

Vamos lembrar

Língua é um sistema de signos formado por palavras que se combinam em frases, formam enunciados, de acordo com determinadas regras. Com ela **apreendemos** o mundo e por meio dela podemos **interagir** com as pessoas.

Até aqui, já foi discutido que a **língua é um sistema de signos formado por palavras** e que nos possibilita **aprender o mundo e interagir** com as pessoas.

Neste capítulo, passaremos a tratar da parte do conceito que diz que **as palavras da língua se combinam em frases, formam enunciados, de acordo com determinadas regras.**

Afinal, como as palavras se combinam em frases e enunciados? E que regras são essas? Para começar a refletir sobre isso, leia os dois trechos de textos a seguir.

226

Figura 01 – início da abordagem gramatical do livro didático

As autoras iniciam a abordagem gramatical do livro com dois questionamentos sobre língua e gramática, no qual pretendem levar o aluno à reflexão sobre a relação entre ensinar gramática e aprender a língua, como também sobre o que ele sabe a respeito dos conteúdos gramaticais. Consideramos positivo levantar questionamentos para conhecer o que o aluno sabe sobre o tema e quais são as suas principais dúvidas. Entendemos que ao ouvir as respostas e possíveis perguntas do aluno, o professor poderá despertar mais ainda o seu interesse para aprender um conteúdo tão complexo e que notadamente apresenta tantas

dificuldades para o aluno. Na sequência das questões, o livro apresenta um gráfico com a palavra *língua* ao centro, rodeada por quadros com informações que possibilitam ao aluno refletir que a nossa língua é a língua portuguesa, que há várias línguas no mundo, as línguas são sistemas de comunicação, a língua se manifesta de forma verbal, levando à reflexão sobre a diferença entre linguagem verbal e não verbal, bem como ao entendimento da língua como sistema. A discussão do gráfico direciona para a compreensão do se apresenta na Figura 02:

Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos.

CARROLL, Lewis. *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Tradução do poema por Augusto de Campos, Tradução geral e organização por Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Summus, 1980. p. 147. (Fragmento).

O aconteceu registro que quando agora madrugada notasse sem hoje porta eu de a do abriu meu que quarto se de mansamente trabalho. [...]

NASSAR, Raduan. Hoje de madrugada. In: *Menina a caminho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 53. (Fragmento adaptado).

1. Você compreendeu os dois trechos?
2. Volte a cada um deles e copie no caderno as palavras cujos significados você não conhece.
3. De qual trecho você copiou mais palavras?
4. O trecho do qual você copiou menos palavras foi mais fácil de entender? Por quê?
5. Volte a ler o primeiro trecho de texto.
 - a) Copie no caderno a frase que melhor explica sobre o que o texto está falando.
 - Os versos descrevem alguns objetos e o modo como estão organizados no interior de uma sala.
 - Os versos falam de alguns animais e do que eles estão fazendo em um dia iluminado.
 - Os versos falam de crianças que estão brincando no quintal de suas casas, em um dia nublado.
 - b) Você já deve ter desconfiado que as palavras desconhecidas desse poema são inventadas. Leia, a seguir, o trecho de *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, em que Alice e a personagem Humpty Dumpty conversam sobre o significado do poema.


[...]

— O senhor parece ter muita habilidade para explicar o sentido das palavras — disse Alice. — Podia me fazer a gentileza de explicar o sentido do poema “Jaguardarte”?

— Vamos ver isso — disse Humpty Dumpty. — Posso explicar todos os poemas que foram inventados... e boa parte dos que ainda não foram inventados.

Isso parecia bastante promissor. Assim, Alice repetiu os primeiros versos do “Jaguardarte”:

*Era briluz. As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos
Estavam mimsicais as pintalouvas
E os momirratos davam grilvos*



não tem gramaticalidade

227

Figura 02 – exemplo de gramática e gramaticalidade

Vemos na Figura 02 dois exemplos de textos que introduzem uma proposta de exercício para o aluno, a fim de que ele faça uma reflexão sobre a língua. No primeiro fragmento textual percebemos que as frases estão bem estruturadas, porém, a maioria das palavras são totalmente desconhecidas. No segundo exemplo, apesar de haver palavras conhecidas, mas a forma como estão organizadas não permitem compreender o sentido. O objetivo do exercício é levar o aluno à compreensão de que para entender o sentido de um texto, não basta ter palavras conhecidas, é necessário também seguir uma estrutura prévia de organização das palavras. Nisso consiste o estudo da gramática: conhecer essa estrutura para poder compreender os textos de forma satisfatório. É isso que propõe o ensino contextualizado da gramática.

Isso remete a um questionamento feito por Travaglia (2002), a respeito da importância de se ensinar português para falantes nativos da língua portuguesa. Segundo ele, devemos levar o aluno a compreender que há formas de organização textual que precisamos conhecer para falar e escrever bem o português. Consideramos bastante significativa a forma de iniciar a discussão sobre o tema, visto ser possível, assim, possibilitar ao aluno refletir sobre o que é a língua e qual é a importância de aprendê-la. Essa discussão possibilita ao professor desenvolver uma explicação sobre gramática e gramaticalidade, a fim de que o aluno compreenda que a comunicação só é possível a partir do uso de frases gramaticais, ou seja, frases que possam ser compreendidas de acordo com a estrutura da língua, as quais possamos atribuir-lhe sentido. Qualquer falante do português é capaz de formular uma frase gramatical, isto é inteligível, que se possa compreender o sentido. Porém, é a gramática quem vai definir se a frase está estruturada de acordo com o seu padrão normativo.

Dessa forma, observamos a importância do livro didático, pois é através dele que o professor elabora o conteúdo e condiciona estratégias de ensino e facilita a aprendizagem do aluno.

Diante disso, vemos como o papel do professor é fundamental nesse meio, pois ele deve instigar o aluno ao hábito de ter o livro como algo complementar, instigar ao hábito da leitura, das produções de texto e por fim, facilitar o acesso do livro didático em sala de aula, mantendo o elo (professor – livro didático), pois um precisa do outro para proporcionar um bom desempenho.

Logo, cada assunto exige uma explicação e exemplos, isso para o aluno é excepcional, pois permite a sua compreensão referente ao assunto abordado, e por último a contextualização fazendo relação com a Gramática, que é um assunto não muito visto por muitos alunos e bastante complexo, tornando algo comum no âmbito escolar de alunos do 6º ano.

Para tanto (ANTUNES, 2003, p. 70) afirma que:

A atividade da leitura favorece num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca da coisa, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

A Gramática trabalhada de forma contextualizada, absorve do aluno pensamentos e reflexões acerca de textos e demais produções, principalmente para alunos de 6º do ensino fundamental II, pois os mesmos irão se sentir aptos, com mais desenvoltura e seguros nos anos seguintes.

2.3.2 O ensino de gramática na prática: a escrita dos alunos

Nesta parte do trabalho, iremos analisar fragmentos dos textos produzidos por alunos do 6º, a fim de compreender as ocorrências linguísticas identificadas como “erros gramaticais”, e de como a fala interfere na língua, pois muitas vezes o aluno escreve o que escuta.

Dos 17 textos, foram selecionados 07, em que predominam as ocorrências linguísticas mais significativa, como erros ortográficos, ausência de pontuações e acentuações e marcas de oralidade, decorrentes da variação linguística, que acabam dificultando a interpretação e o sentido dos textos escolhidos.

Nos textos selecionados foi possível notar em alguns a carência das características de um texto narrativo, onde não havia falas, personagens, não determinava uma sequência de fatos, foram encontrados diversos erros ortográficos como a troca do “ç” pelo “ss”, palavras que são terminadas com “u” escritas com “l”, a ausência do “r” em palavras que deveriam estar no infinitivo, a falta de pontuação, como a vírgula(,), ponto final (.), travessão (-), dois pontos (:), e por fim palavras sendo escritas de acordo como são pronunciadas.

Diante disso, serão expostos fragmentos dos textos selecionados, tendo por finalidade discutir e demonstrar como essas ocorrências interferem no sentido e dificulta o entendimento do leitor:

*“Layanne, continuou **andano** e encontrou uma mulher a mulher achou Layanne muito bonita e chamou ela”.*

*“No belo dia, **treis** meninos **etreis** meninas vinham andando com seu pai e sua **mai**”.*

*“...um **homi** da loja viu que **tava** olhando aí ele mi deu, quando nós chegamos em casa corri para o quarto”.*

*“... tinha numa casa mal assombrada **ái** **nois** **fumos** para **lar** quando **nois** chegamos **lar** a porta **abril**...”*

*“... **estuda** para **passa** todos os **zanos** e depois **arranja** um trabalho”.*

Notamos, nesses fragmentos de texto, a constância das marcas de oralidade, denotando como a fala se reflete na escrita, ou seja, muitos alunos, principalmente das séries iniciais, escrevem o que ouvem, e isso acaba interferindo, muitas vezes, não só na estruturação do texto escrito, como na compreensão do sentido.

Travaglia (2002, p. 28), retrata que:

[...] considerando a língua como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação e interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado, percebe a Gramática como o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar.

Travaglia (2002, p. 29), fala que nessa concepção “não há o erro linguístico, mas a inadequação da variedade linguística utilizada em uma determinada situação de interação comunicativa, por não atendimento das normas sociais de uso da língua”.

Notamos que nessa concepção, está presente a variação linguística, ou seja, palavras e expressões que não fazem parte na norma culta, sendo utilizadas por muitos no dia-a-dia, as quais não classificamos como “erros”, propriamente ditos, e sim, inadequações linguísticas.

*“... teve uma aventura com os **craksesquitista**, **mais** nós não sabemos o que **faser** com o objeto, era militante fui lá no meu pai **pergunta** como se anda de **esquite**...”*

*“Era uma vez, uma **María** que gostava muito de **anda** nas ruas...”*

*“Tamara, André, Luiza, Matheus e Tony, eles chegaram e os pais de Alycia foram **trabalha**.”*

*“... minha melhor amiga Poliana vou **conta** tudo o que teve lá”.*

*“... outro dia eu fiquei olhando e fiquei pensando se eu entro vou **morre**...”*

*“Minha avó **emlouquecei**”.*

*“Tudo **comessou** quando eu fui para a casa da minha avó por **quausa** que minha mãe estava doente” “...**comessou** a dar remédio para **mim** dormir”.*

*“...**escultei** um barulho **ensima** da escada e fui olha e não tinha **niguem**”.*

*“Aprendam a fazer coisas certas não **fasaingual** a maria.”*

*“A viagem que é do meu sonhos é **viaga** para Europa tudo que eu quero **mais** só pequeno para ir para **lar**”.*

Nesse primeiro fragmento, notamos a presença de vários erros ortográficos, principalmente na diferença e dificuldade de como e onde usar o MAS e MAIS. Notamos também nos seguintes trechos a presença do verbo “perguntar”, “andar”, “trabalhar”, “contar”, “morrer”, que não estão nas suas formas infinitivas, onde muitos alunos sentem esse embaraço e o esquecimento de colocar os verbos presentes no seu infinitivo.

*“...teve também **varias** coisas que toda festa de pijama tem **mais** o resto das coisas que teve lá eu vou **deixa** para minha melhor amiga **conta**”.*

Em alguns casos houve a troca do MIM pelo ME, e muitos erros ortográficos, principalmente a troca do U pelo L e do L pelo U, onde podemos observar no seguinte trecho:

*“Sua filha **aseito** então sua filha disse só se for **mim busca** no aeroporto”.*

*“...**acistil** ao jogo de **futebou**”.*

*“...ela deixa **varias** armadilhas de urso para **mim machuca**”.*

*“**Derrepente** ela **comesola** fala deu um grito e mãe foi correndo”.*

*“Primeiro **vouter** que **estuda**”.*

*“Tinha só duas **picinas**”.*

*“...tinha um **escorregado** e **encima** dele tinha uma parede que ficava **soutandoágua**”.*

De fato, um dos erros mais comuns entre os alunos foi o de posicionar o verbo na sua forma infinitiva, ou seja, em muitos casos houve a necessidade do R no final de muitas palavras. Outro erro bastante notório foi da pontuação, onde a falta de vírgulas e do ponto final dificultaram a interpretação do texto, ou seja, sua coerência. Outro ponto a ser questionado são os acentos nas diversas palavras.

No entanto, o que nos propomos, neste trabalho, foi lançar um olhar modalizador sobre o ensino da gramática, a partir das ocorrências verificadas nos textos dos alunos. Assim, podemos inferir que o material em análise, segundo Travaglia (2002, p. 29), apresenta “inadequações da variedade linguística utilizada em uma determinada situação de interação comunicativa”, nesse caso, representada pelo texto escrito, mas que não se caracteriza como erro linguístico porque não afeta a competência gramatical do usuário da língua, no sentido de se fazer entender pelo seu interlocutor.

As ocorrências linguísticas mais frequentes foram os erros ortográficos, bastante vistos, principalmente na troca do U pelo L, a falta de pontuação, tornando a leitura bastante cansativa, pois trata-se do que poderíamos chamar de “oxigênio do texto”. Para tanto, no decorrer das aulas foi estabelecida a reescrita desses textos, a fim de possibilitar que os alunos refletissem sobre o que escreveram e fizessem a relação com os estudos gramaticais, feitos em sala de aula, para compreender como a gramática, ao invés de ser um instrumento de imposição de regras sem sentido e, na verdade, um facilitador do entendimento dos textos que eles leem e produzem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos no decorrer dos itens como a Gramática é importante no âmbito escolar, pois é a partir de suas regras, e diferentes métodos que conseguimos êxito na nossa escrita, nos textos em geral. Para tal, "ensinar gramática é ensinar a língua em todas as suas variedades de uso, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso" (POSSENTI, 1996, p. 86).

E é importante principalmente para o professor ter conhecimento dos tipos de Gramática, dos seus diferentes meios de aprendizagem, os tipos de ensino da língua, as concepções de linguagem e de Gramática, enfim é a partir dessas abordagens que a Gramática se torna mais simples e fácil para o professor, pois isso reflete no seu ensino de forma positiva e clara com relação a aprendizagem dos alunos. Assim, Travaglia (2007) vem ressaltar:

De fato, para uma sequência linguística se tornar num texto é necessário um conjunto de elementos que constituem a gramática da língua. Posto isto, podemos afirmar que tudo o que é gramatical é textual e vice-versa e que estudar gramática é, fundamentalmente, conhecer os recursos de que uma língua dispõe para se produzir textos com as intenções pretendidas.

Percebe-se que o professor tem que mostrar uma perspectiva metodológica, pois deve de fato conhecer os vários meios que a Gramática nos oferece e que são bastantes relevantes para o ensino e aprendizagem, tanto para o professor quanto para o aluno de forma geral, e é a partir dela e dos seus diferentes recursos que conhecemos de forma bem mais precisa a língua.

Nesse contexto, podemos observar que a escrita é uma tarefa muito complexa, onde a realizamos de acordo com determinadas regras, para que assim possamos obter uma certa coesão tanto na escrita (produções), quanto na fala, para que haja sentido e significado.

Outro quesito importante é a forma como trabalhamos a Gramática em sala de aula, trabalhar a Gramática de forma contextualizada exige mais do aluno, e faz com que ele pense mais, e se imponha com relação aos textos e suas produções, exigindo mais atenção para que assim formule pensamentos e questionamentos perante as diversas situações. Dessa forma Vieira, (2010, p. 27) diz: "Professores de Língua Portuguesa, focando os temas transversais em aulas de leitura, trazem uma

necessidade para que o exercício da cidadania ocorra desde a infância, pois a expectativa é que o aluno possa pensar o texto para a vida”.

De acordo com Travaglia (2006), há uma enorme carência de atividades que envolvem produção e compreensão de textos, o que poderia ser bastante positivo para auxiliar no desenvolvimento da competência comunicativa, e conseqüentemente no conhecimento e melhoramento de suas produções.

Notamos nos textos, que é comum erros ortográficos, problemas gramaticais em geral, mas o professor deve se posicionar e adquirir meios que possibilitem a minimização desses problemas, afim de proporcionar mais coerência nas produções e menos erros gramaticais, possibilitando ao aluno mais competência e organização em determinadas situações e que assim consiga suprir esse déficit com relação a Gramática, e que culmine essa visão que muito tem pela Gramática.

Para tanto, sabemos que ser professor é uma profissão muito importante, por mais que muitos problemas sejam encarados, mesmo com tudo isso é possível sonhar com uma mudança, uma mudança não só no ensino, como também dentro das salas de aula, possibilitando assim, melhores interações, melhores desenvolvimentos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola. 2003.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’**. 1 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (tradução M. Lahud e Y.F Vieira). São Paulo: HUCITEC, 1981.

BATISTA, A.A.G. e ROJO, R. **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FIGUEIREDO, Laura; BATASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular e plural: leitura, produção e estudos de linguagem – 6º Ano**. São Paulo: Moderna, 2015.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula – leitura e produção**. Cascavel, Pr. Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GÉRARD, F.-M, ROEGIERS, X. **Concevoir et évaluer des manuels scolaires**. Bruxelas. De Boeck-Wesmail (tradução Portuguesa de Júlia Ferreira e de Helena Peralta, Porto: 1998).

HALLIDAY M. A. K., Mc INTOSH, Angus, STREVEN, Peter. **As Ciências Linguísticas e o Ensino de Língua**. Petrópolis: Vozes, 1974.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, M. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Em Aberto, Brasília, v. 16, n. 69, jan./mar. 1996.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. São Paulo. Cortez. 2007.

MAROTE, João Teodoro D’Olim; FERRO, Gláucia D’OlimMarote. **Didática da língua portuguesa**. São Paulo. Ed. Ática, 2002.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Conceitos de gramática**. In_____ Martelotta, M.E. Manual de Linguística. São Paulo: Parábola, 2009.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1999

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola/Sírio Possenti-Campinas**, São Paulo: Mercado da Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

RODELLA, Gabriela; NIGRO, Flávio; CAMPOS, João. **Português: a arte da palavra**. 9. ed. São Paulo: AJS, 2009.

SAVIANI, D. **Educação: do senso-comum à consciência filosófica**. 17 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SILVA, Maurício. **A gramática brasileira novecentista: uma história**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 03- n.04 -1º Semestre de 2006.

SONIA, Natália de Lima. **A decisão de ensinar (ou não) a gramática teórica: depoimentos de professores de rede pública**. Taubaté, São Paulo, 2006. Dissertação

SUASSUNA, L. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papyrus Editora, 2001.

SUASSUNA, L. **Instrumentos de Avaliação em Língua Portuguesa – Concepções de Linguagem em jogo**. In: Anais do 2º Seminário de Estudos em Educação e Linguagem - Centro de Estudos em Educação e Linguagem - CEEL/ Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Recife - PE, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez,2007.

_____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.